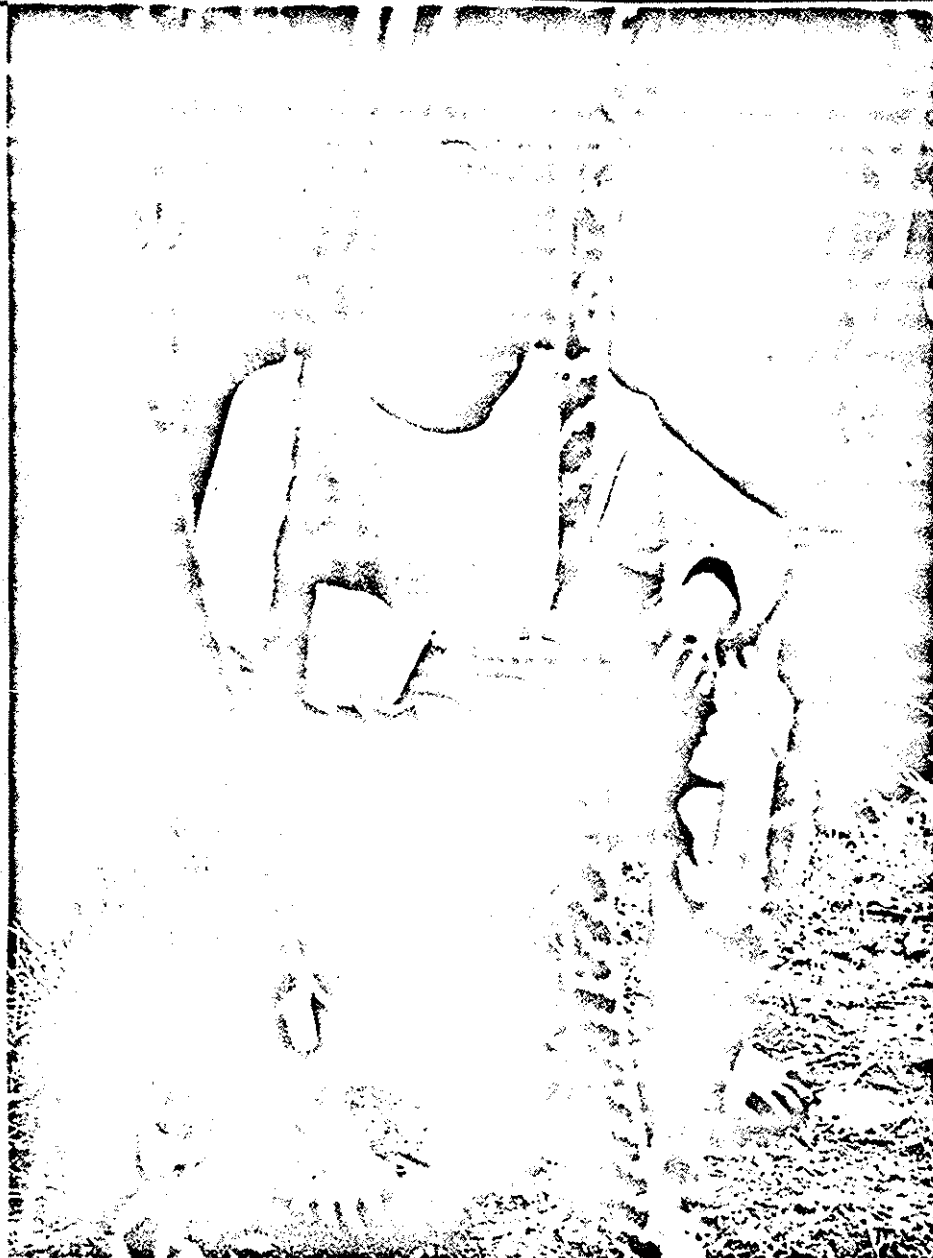


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: 383

Data: 22.10.75 Pg.: 24, 25



Engorô: à beira da estrada, vendendo flechas para sobreviver

(Funai) mostrou que há muito tempo ela deixou de ser respeitada: no que sobra das terras, pouco mais da metade da doação inicial, já vivem mais colonos brancos do que os 1 000 selvagens a que ela se destinava.

Ainda foram constatadas várias outras desobediências à Constituição Federal, que garante a integridade dos territórios indígenas. As reservas de peroba e pinheiro, por exemplo, estão quase esgotadas pela devastação dos posseiros. E, em alguns casos, os caingangues e guaranis esbarram, até, em placas como a da Fazenda Adelaide, de 9 000 hectares, explorada pela Madeireira Marochi: "Entrada Proibida".

De revólver no cinto — O cadastramento objetiva dar subsídios ao governo do Paraná para a transferência dos posseiros da reserva. Os índios, entretanto, não acreditam neste anunciado resultado. "É mais uma promessa e de promessa já estamos cheios", reclamou Lekan, ou Argemiro Fernandes, 42 anos, o cacique

dos caingangues, a Pedro Franco, enviado especial de VEJA. Lekan esteve há três meses em Brasília, conversou com os dirigentes da Funai, mas voltou sem esperanças à sua pequena roça de milho e feijão: "Me disseram que a gente é que tem de enfrentar os posseiros. Mas como, se eles andam de revólver no cinto?" A seu ver, só há uma solução: a retirada total dos colonos.

Mas, ainda assim, restariam outras graves questões a resolver. As crianças caingangues não resistem às doenças mais comuns do homem branco e a sobrevivência da tribo é difícil, pois não há trabalho para todos. Alguns se engajam como peões, nas fazendas vizinhas. Outros recorrem à venda de arcos, flechas e adornos. Como o velho Engorô, de 65 anos, presença constante, descaído e de cócoras, à beira da estrada Ponta Grossa—Foz do Iguaçu.

É ainda pior a situação dos guaranis, encurralados em apenas 100 hectares da reserva. O cacique, Carai-Tupã, ou Waldomiro Pires de Lima, 42 anos, adverte que seu povo não faz arco e flecha "apenas para vender aos brancos". Nas matas que lhes restam, os guaranis caçam pacas e jacus. E agora, muito irritados, ameaçam fazer expedições de guerra contra os colonos. Como o caingangue Lekan, Carai-Tupã também viajou a Brasília em agosto e pediu ao general Ismarth de Araújo, presidente da Funai, providências contra os posseiros. Foi atendido em parte: Antônio Piacentini, posseiro que cortava peroba no território guarani apoiado numa estranha autorização fornecida pela funcionária da Funai, Osvaldina Alves, nunca mais derrubou uma árvore. E Osvaldina deixou o posto. Mesmo assim, Carai-Tupã anda nervoso, como seu povo. Com amargura, explica: "A gente sabe que, se perder estas terras, não vai mais ganhar outras".

ÍNDIOS

Terra invadida

Segundo a lei de 1910, somente os índios caingangues e guaranis deveriam viver nos 38 880 hectares de matas da reserva Rio das Cobras, no centro do Estado do Paraná. Na semana passada, porém, um cadastramento feito pelos técnicos da Fundação Nacional do Índio